

Caldeirão dos Jesuítas 1925-1936*

TARCÍSIO MARCOS ALVES**

RESUMO: Este estudo trata da organização de uma comunidade camponesa com base na religiosidade popular e no igualitarismo, no sertão nordestino, na primeira metade do século XX.

ABSTRACT: This study is about the organization of a peasant community based in the popular religiosity and equality in the Northeast in the early 20th century.

"Aliás, faça-se justiça, o espetáculo de organização e rendimento do trabalho, com que deparamos ali, era verdadeiramente edificante."

Tenente José Góis C. Barros

Segundo o relato de Eleutério Tavares, que criou-se no sítio Caldeirão, o Beato José Lourenço chegou ao sítio em 1926, após sair de Baixa D'Anta. Estava acompanhado por uma das suas irmãs e de Severino Tavares (pai de Eleutério), que levou a sua esposa e seus dois filhos, além de mais duas famílias de moradores e quatro moças que cuidavam da casa do Beato, totalizando dezenove pessoas.

O sítio era uma propriedade abandonada, com cerca de 900 hectares, do outro lado da Serra do Araripe, no município do Crato, distante deste cerca de 20 quilômetros. Encravado entre serras e morros, de acesso extremamente difícil, era um lugar apropriado para o isolamento... Assim o descreveu o jornalista José Alves de Figueiredo:

"Caldeirão é um lugar de topografia acidentada e muito pedregoso, cortado por vários grotões, sem nenhuma baixada,

** Mestrando PPG-História-UFPE

mas todo de terrenos ótimos para plantações de cereais e algodão. Era um deserto, sem nenhuma benfeitoria."(1)

O depoimento de Maria de Morais (Maria de Maio), filha adotiva do Beato José Lourenço, completa a descrição do sítio e dá-nos uma idéia dos primeiros trabalhos que lá foram realizados:

"Lá a propriedade, o terreno é Caldeirão, mas o caldeirão mesmo é onde tinha um pé-de-cal que meu pai foi quem fez, que juntava água e o Beato José Lourenço pescava lá, pegava muito peixe e era um lugar bonito, uma grota danada. Lá é muito acidentado demais home; lá encostado à casa dele, o cabra que escorregasse lá ia quebrar o pescoço lá embaixo! Agora só tem a tapera da casa lá ... A terra era muito boa, mas quando chegou lá não tinha nada, só era mata, não tinha casa, fizeram um barraco debaixo do pé de juá grande, que era no berço do riachinho."(entrevista)

A referência que Maria de Maio fez ao "pé-de-cal", trata-se de uma parede de pedra e cimento construída por seu pai, água. Ele era o "mestre de obras" do caldeirão, responsável por diversas construções, entre elas a capela do sítio.

Lá instalados, o beato e seus seguidores deram início aos trabalhos de limpeza dos matos e construções e reparos de cercas. Construíram a casa do Beato e as "primeiras e pequenas casas de taipa e, como a terra era seca, iniciaram também a construção de pequenas barragens nos grotões e socovões dos morros, garantindo assim razoável abastecimento de água para as épocas de secas. Nas terras altas deu-se início à plantação de algodão, milho e feijão. Nas terras mais baixas, irrigadas e adubadas por processos primitivos, plantou-se cana-de-acucar e arroz. Pequena engenhoca levantada nas imediações do pequeno povoado passou a produzir rapaduras, batidas e melaço suficiente para o sustento da comunidade."(2) Construíram ainda a casa de farinha e produziam sabão, a partir de uma planta nativa da região, conhecida por "pingui". em pouco tempo, o que era uma terra

deserta e abandonada transformou-se em um pequeno arraial. A casa construída para o Beato, a "casa grande", foi edificada com tijolos e coberta com telhas de barro, com cerca de 25 metros de frente. Localizada na encosta do morro, a residência do Beato dominava a paisagem, e do seu terraço via-se, em baixo, um pequeno campo plano, transformado em belo sítio, arrodado pelas casinhas de taipa dos moradores e pelos morros e serrotes circundantes. Lá moravam, junto com o Beato, suas duas irmãs, as mocas que cuidavam da casa e os órfãos que ele adotava, além de outras pessoas solteiras e sem famílias no sítio. É este número de moradores - sempre crescente - que explica a extensão da "casa grande". Era de lá que o Beato comandava e organizava os trabalhos da comunidade, seguindo à risca as recomendações do Pe. Cícero:

"Meu padim Ciço disse assim: "-Zé Lourenço, eu tenho muita terra aqui no Cariri e eu tenho terra no Caldeirão, num lugar chamado Caldeirão. Este lugar é onde morreram uns padres jesuítas no tempo da perseguição... E, eu quero que você vá lá para o Caldeirão trabalhar como nunca é de morrer e rezar como que já tá morrendo. E, você reze pro povo ouvir e aprender."

Aos poucos, ia-se modificando a paisagem, através do trabalho árduo e disciplinado. A população aumenta regularmente com a chegada de famílias de trabalhadores sem terra que afluíam a Juazeiro e eram encaminhados para o sítio pelo padre Cícero. "meu padrinho Ciço disse: "José Lourenço, vai chegar muita gente na sua casa." Todos que chegasse ele recebia, todos que chegasse. Pobre, com fome, chegasse na casa dele ele recebia." (Henrique Ferreira, entrevista). com o reforço desses contingentes de trabalhadores, em pouco tempo o sítio transformou-se, e, do que era apenas caatingas, avançavam os roçados e iniciavam-se as colheitas...

Nesta primeira fase, a comunidade tabalhava basicamente na agricultura e na construção de casas em mutirão para os novos

habitantes. Cada nova família que chegava era bem recebida, os que lá estavam construíam logo a nova moradia, alastrando-se as casinhas a partir do sopé dos morros, gradativamente, em cinturão ao redor da pequena planície onde florescia as primeiras plantações.

"Era tudo trabalhado junto, aquele grupo de gente, tudo trabalhando, tudo era corpo de união, tudo junto. Ali tudo era pros morador, tudo pro pessoal. Aqueles casados tinham suas casas, e ele (o Beato) fez casa pra cada um, tudo casinha de palha, era um arraial, e os solteiros moravam lá com ele."(Henrique Ferreira, entrevista)

Por essa época a divisão do trabalho era simples, baseada na idade e no sexo: os homens trabalhavam na limpeza dos terrenos, nas construções de casas, de caminhos, cercas e na agricultura, enquanto as mulheres, além dos trabalhos caseiros, carregavam água para aguação das plantas, ajudadas pelas crianças maiores. A maior dificuldade desse período foi precisamente a água, que tinha de ser transportada dos riachos e reservatórios até os locais das plantações. O problema será resolvido com a construção de dois açudes. O maior deles, no riacho Caldeirão, tinha uma parede com 36 braças de comprimento e 18 1/2 de altura, com 13 de base, fruto do trabalho pessoal do Beato e seus moradores, e que foi concluído em 1932, segundo informações de José Alves de Figueiredo.

O Beato estava sempre à frente de todos os trabalhos e tudo era feito sob a sua coordenação. A sua incrível capacidade de trabalho e de liderança é atestada por todos, inclusive por aqueles que não nutriam simpatia por ele, como é o caso do Ten. José Góis de Campos Barros, que afirma espantado no seu relatório.

"Aliás, faça-se justiça, o espetáculo de organização e rendimento do trabalho, com que nos deparamos ali, era verdadeiramente edificante.

"As brocas e os terrenos prontos para lavoura, delimitados por cercas admiravelmente construídas, derramavam-se pelos morros e, como uma surpresa verde no meio dos tabuleiro nus, apareceu-nos um tapete alegre de vegetação sadia, emoldurando um açude, construído por aquela gente, pelos processos mais simples e rudimentares.

"A terra é sáfara e quase estéril. Desejaríamos, mesmo, concluir que somente a fé inabalável daqueles homens rudes, de rostos severos e mãos calosas como carapaças de tartarugas, seria capaz de fazê-la produzir. E ela produz."(4)

O que o Ten. José Góis viu e relatou, era o resultado do trabalho infatigável de uma comunidade camponesa que tudo realizava em mutirão. O Beato e sua gente trabalhavam durante todo o dia, sem descanso, iniciando às seis da manhã e só encerrando os trabalhos às seis da noite. Todo o trabalho era acompanhado pelo canto de benditos, o que lhes dava o ritmo... E os produtos desse enorme e organizado esforço coletivo não tardaram a surgir. O jornalista José Alves de figueiredo visitou o sítio na época e assim o descreveu:

"Vi, ao longo das estreitas grutas que ficam abaixo dos dois reservatórios, alargados a picaretas, um desenvolvimento canavial, 400 pés de laranja, 100 de jaqueira, muitas limeiras, ateiras, bananeiras, jabuticabeiras, coqueiros, umbuzeiros, romeiras, , guabirabeiras, jambolões, mamoeiros, eucaliptos, plantação de piteira, de palmatória, capins - tudo com esmero. Ao lado, trepando pelos altos, grandes plantações de algodão."(5)

No caldeirão, ao contrário do que ocorria na sociedade sertaneja em estado de perene miséria, florescia uma pequena e próspera comunidade rural livre da fome e da opressão. Lá todos trabalhavam e recebiam em troca uma razoável alimentação, moradia, e a segurança contra os males da vida miserável que levavam antes de lá chegarem.

O Poeta, que também visitou o sítio, registra:

*"Chegando neste lugar
solitário e ascaroso
cheio de despenhadeiro
de grutidões tenebrosos
com seu trabalho formou
um jardim delicioso.
Fez a casa de moradia
com salas corredores
cozinha alpendre e varanda
fez um quarto com louvores
pra veneranda Santa Cruz
onde ora os pecadores.
Findando a sua casa
botou roça e fez cercado
fez diversas plantações
deixou tudo organizado
no sítio do escondido
fez um açude afamado.
Fez uma formosa quinta
composta de laranjais
no fresco do mesmo açude
aplantou maracujás
e mais outra plantações
bananeiras e cafezais
plantou muito algodão
fez domicílio em socorro
da peregrinação humana.
Por estes bens votam tédio
os bons filhos da Cisana.
É muito belo se ver
seu plantio de algodão
suas roças monstruosas
de arroz, milho e feijão*

*e toda lista de frutas
para sua arrumação."*

Não havia circulação de dinheiro no Caldeirão; parte do excedente da produção, principalmente o algodão, era comercializado e com o dinheiro obtido adquiriam-se os produtos que a Comunidade não produzia. Respondendo à pergunta sobre a distribuição dos bens na Comunidade, Henrique Ferreira disse:

"Distribuída entre todos. Ele não vendia um litro de legume de suor de penitente! Ele só vendia algodão porque não se come algodão, pra comprar fazenda pra vestir eles mesmos."(Entrevista)

E Maria de Maio, como todos os ex-moradores da Comunidade, confirma:

"O que fazia com as colheitas ? ... Era pra comer, não vendia nada não, só vendia o algodão, sabe a quem ? A seu Manuel Germano, o algodão vendia a ele, e o mais tudo era pra nós comer, pra todo mundo comer."(Entrevista)

E os armazéns encheram-se de reservas de alimentos, principalmente de feijão, milho, arroz e rapaduras, que eram distribuídos por Isaías para as famílias da Comunidade, de acordo com as necessidades e número de pessoas. Marina Gurgel, ex-moradora do sítio, assim relata a organização:

"Isaías era assim como um gerente. Ele era dono da chave dos armazéns de legumes. Quando amanhecia o dia ele (o Beato) dizia: 'Isaías, mate hoje um cervado, pra mandar botar no fogo, pro almoço.' Aí seu Isaías só era chamar e matavam, pronto. Aqueles que moravam nas casinhas tudinho chegava, vinham buscar seu quinhão, e se aquele não desse, matava outro, era assim... Os pobres, tivesse a família que tivesse, quando amanhecia o dia cada qual chegasse para levar o seu. E o Isaías era encarregado de distribuir mercadorias, comida, tudo era com

ele. Tudo que a gente queria, era um par de alpercata, ia pedir a seu Isaías, tudo era Isaías."(Entrevista)

Como se percebe no relato de Marina Gurgel, a distribuição da produção era feita de maneira igualitária, como nas "comunidades primitivas", porém sob o rígido controle de Isaías. Este controle era essencial em comunidade camponesa que vivia numa região sujeita a secas periódicas e cuja população era constantemente acrescida de novas e mais novas famílias deserdadas. Para os moldes da sociedade sertaneja da época, vigente nos latifúndios e pequenas propriedades, a Comunidade Igualitária do Caldeirão constituía-se em um refúgio, onde reinava a abundância e a tranqüila certeza de que o necessário para a sobrevivência estava assegurado, com dignidade... Este fato é relatado por todos os sobreviventes que moravam no sítio e também por aqueles que conheceram a experiência ali realizada, mesmo que não concordassem inteiramente com ela.

Eis a opinião de quem conheceu a história, contada pelos ex-moradores do sítio:

"Aquele povo que trabalhava com ele, trabalhava de fato; trabalhava homem, mulher e menino, e a produção era pra todos. Quer dizer que naquele tempo o beato já tinha uma visão de uma comuna, como se faz em Israel, na China, que eles trabalham, produzem e o rendimento é dividido entre todos."(Francisco Bezerra de Menezes, farmacêutico do Juazeiro do Norte, entrevista).

A semelhança com as chamadas "comunidades primitivas", evidencia-se no processo de redistribuição da produção. "O princípio de redistribuição pressupõe, no seu caso, um modelo institucional de centralidade. Nas sociedades aonde predomina, tanto a produção como a repartição dos bens são organizados em função de um centro - quer se trate de um chefe, de um senhor, de um templo ou de um déspota - , centro esse que coleta, armazena e redistribui os produtos a fim de retribuir aos

seus agentes e assegurar a manutenção da ordem social e política."(6)

Com esse modelo igualitário e justo, quem lá chegava, não mais queria sair. Ao espalharem-se as notícias sobre a prosperidade reinante no sítio, aumentou a chegada de famílias pobres, de todas as partes do sertão.

Com o subsequente crescimento populacional do sítio, diversificaram-se gradualmente as atividades produtivas, alterando-se a divisão do trabalho e provocando o aumento da produtividade do mesmo. No meio de tantos trabalhadores que chegavam no Caldeirão, encontravam-se profissionais das mais diversas especialidades. Organizaram-se as primeiras oficinas, passando-se a fabricar os mais diversos instrumentos de trabalho e utensílios domésticos. Em pouco tempo a Comunidade produzia praticamente tudo o que necessitava para a sua sobrevivência: desde as ferramentas - foices, enxadas, pás, cavadeiras, etc. - passando por móveis, portas para as casas, além de todos os tipos de utensílios domésticos, até a fiação do algodão com teares manuais e a confecção de roupas pelas costureiras... "Trajavam todos de preto, menos o beato, cuja indumentária varia do corpete rubro e calças pretas, às vezes talares, conforme as exigências de sua estranha liturgia. Aquele luto cerrado pelo extinto padre Cícero, desconhecia a colaboração de mãos profanas. As roupas eram confeccionadas com algodão plantado, tratado, colhido, tecido e tingido pelos próprios penitentes, cuja indústria valia pelo sabor histórico dos seus métodos.

"Que tal ? Como vê o senhor, somente um tão forte domínio espiritual pode tornar possível o sonho comunista, o qual exerga, em tudo, apenas o jogo cego dos interesses da matéria."
"(7) Afirmou, em seu "Relatório", o Ten. José Góis C. Barros.

Em breve instalou-se também o curtume, e os artífices trabalhavam o couro na produção de arreios para animais e outros

objetos; os sapateiros passaram a produzir as alpercatas, chinelos e calçados para os habitantes da Comunidade.

Paralelamente desenvolveu-se a criação de animais, de bovinos, equinos e suínos, até as mais diversas espécies de galináceos, na sua grande maioria levados para o sítio pelos novos habitantes. Emas e outros animais selvagens foram introduzidos, como mocós domesticados e um bando de papagaios que o Beato criava.

"Centenas e centenas de homens reuniam-se ali, fascinados pela compensação da participação nos lucros. (...) O solo tratado e estimulado por adubos orgânicos rebentou em bela produção que compreendia horticultura, pomicultura, floricultura. Rebanhos, pocilgas, aviários - todas essas coisas compondo um dos melhores quadros de organização rural em terra abandonada por sáfara e repudiada para a agricultura."(8)

Assim, a Comunidade atingiu um razoável nível de desenvolvimento econômico, impulsionado pela diversificação da produção, exigindo do Beato José Lourenço o aprimoramento sobre a produção e do consumo, que se tornara cada vez mais complexo. A divisão do trabalho amplia-se, de modo a permitir um perfeito funcionamento da produção. Além dos trabalhos especializados - as oficinas -, cada membro ativo da comunidade tinha sua função definida no processo produtivo, de acordo com o sexo e a idade:

"Lá tudo com escutar a ele (o Beato) é que dá a definição de tudo, pode juntar milheiro de gente e ele convoca tudo e dá tudo, cada qual tem seu emprego. Tinha o vaqueiro das ovelhas, tinha das cabras, tinha de prestar a atenção, tinha aquela sobrinha de dona Izabel, o emprego dela era só dá conta dos pavãos..., e tinha dos pombos, empregado dos pombos, tinha dos patos..."(Henrique Ferreira, entrevista)

Sob uma organização rigorosa, o intenso trabalho em regime de mutirão aumentou a produtividade agrícola e a produção de excedente forçou a construção de armazéns - os celeiros - , para armazenar os produtos alimentícios e outros. Nessa tarefa o Beato contava com o auxílio de Isaías (já citado por Maria de Maio, em páginas anteriores), que se tornou o principal responsável pela organização econômica da comunidade, controlando a produção, o armazenamento e a redistribuição dos produtos para o consumo. Era o "ministro" da economia e do planejamento da comunidade.

Mais uma vez, recorremos ao maior inimigo da comunidade, o Ten. José Góis C. Barros, para confirmar: no Caldeirão, afirma, "as relações de produção e consumo tendiam, francamente, para o comunismo." E mais adiante completa: "Se todos trabalhavam para a Irmandade, como diziam, todos recebiam na véspera, a ração do dia seguinte. Esta constava, normalmente, de milho, feijão, farinha ou arroz, e os fanáticos denominavam-na de comissão; *era distribuída de acordo com o número de pessoas de cada família, não constando que, jamais, alguém fizesse uma reclamação.*"(9) (Grifos nossos)

Através desse quadro sintético da organização econômica da comunidade do sítio do Caldeirão, fácil é concluir que ela formava um vivo contraste com a situação dos trabalhadores dos latifúndios agropecuários do sertão. Ali reinava a fartura, fruto do trabalho intenso de milhares de pessoas em mutirão - a população do sítio alcançou, na sua fase mais populosa, cerca de 2.000 pessoas - , o que decuplicava a produtividade do trabalho agrícola, através da incorporação do sobre-trabalho no processo produtivo. Isto fazia com que os celeiros estivessem sempre cheios, pois a produção do sobre-trabalho não era apropriada individualmente, mas repartia-se com toda a comunidade, igualmente.

A força de trabalho deixou de ser uma mercadoria, pois não estava desvinculada dos meios de produção. A produção não se subordinava ao capital, pois só pequena parte do excedente era comercializada, na forma "mercadoria-dinheiro-mercadoria" (M-D-M), ou seja, através da troca simples, para atender às necessidades internas da comunidade. Toda a produção excedente de alimentos e outros produtos era armazenada, acumulando-se víveres em quantidade sempre crescente. O que se realizava com a comercialização do algodão estava, portanto, totalmente subordinado à troca simples de valores-de-uso.

Foi precisamente este modelo que Ademar Távora constatou em seu artigo publicado no jornal "O Povo":

O trabalho era realizado em comum e os frutos dele resultante e dividiam entre todos. (...) As pessoas que iam ao Caldeirão, admiravam-se da ordem ali estabelecida por José Lourenço e da satisfação em que viviam os seus seguidores, todos eles com suas casas bem provida de cereais e possuindo apreciável quantidade de animais domésticos. Era o que se podia chamar uma comunidade feliz nesta região seca."(10)

A memória de uma ex-moradora do sítio, Marina Gurgel, confirma o que todos que lá estiveram relataram:

"A gente carregava água nas vasilhas e ia aguando, de pé em pé. Era muito trabalho... A gente trabalhava muito, mas era uma vida boa. A gente trabalhava, quando chegava só era só a gente tudo almoçar, comida ali não faltava, era tudo, quase todo dia ele matava um cervado, pra dar comer aquele povo todinho, aqueles povos que moravam nas casas, cada qual levava o seu quinhão, e era assim, aquele movimento medonho. Aquele povo que lutava com ele, ele dava de comer, de vestir, era quem dava tudo era ele!". (Entrevista)

É esta fantástica organização do trabalho visando a plena satisfação das necessidades fundamentais da comunidade - que se

tornou praticamente auto-suficiente -, que caracteriza a experiência realizada no sítio Caldeirão pelo Beato José Lourenço e que o transformou em uma ilha de fartura em meio à miséria reinante no sertão. E é esta característica que fez com que a organização econômica e social vigente no Caldeirão se assemelhasse às das "comunidade rurais primitivas". Referindo-se à organização do trabalho nessas "comunidades", Marx assim as caracteriza:

"Sob estas formas (...) os indivíduos não se comportam como trabalhadores mas como proprietários - e membros de uma entidade comunitária que ao mesmo tempo trabalham. O fim deste trabalho não é a criação de valor - ainda que possam produzir um excedente de trabalho para entre si trocar por produtos estrangeiros, isto é, suplementar - mas o seu fim é a conservação da propriedade individual e da família, bem como da estrutura comunitária no seu conjunto."(11)

O Beato José Lourenço como Intelectual Orgânico

Para além dos pressupostos econômicos - internos e externos - , que levaram tantas famílias de trabalhadores a abandonarem seus locais de origem para ir viver no Caldeirão, forçoso é destacar o papel da religiosidade popular - e do Beato José Lourenço como criador/divulgador dos seus princípios - não apenas como fator de atração, mas, particularmente, como determinante da organização e da coesão interna da comunidade. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que eram expulsos e/ou não mais suportando a vida miserável que levavam trabalhando nas fazendas dos "coronéis" do sertão, os trabalhadores, cuja consciência da realidade era condicionada pela religiosidade popular, chegando ao Caldeirão, encontravam o local ideal para viver: a possibilidade concreta de unir o trabalho, a moradia e alimentação com uma vivência religiosa "pura". Ali, pois, realizava-se o sonho de muitos sertanejos expropriados.

Como afirma Luitgarde, "A ideologia religiosa nas populações do Nordeste é orgânica na medida em que faz parte da estrutura social desde a sua origem. Enquanto orgânica, o ato religioso sempre permanece necessário à estrutura social."(12)

No caso específico do Caldeirão, a religiosidade popular constituía-se em um importante fator de reforço da organização e reprodução das bases materiais e da unidade social da produção, onde os laços sociais pessoais são estreitados e perpetuados, formando uma comunidade familiar. O seu cotidiano estava estruturalmente ligado ao trabalho e à oração, e as relações sociais - baseadas nos princípios dos laços familiares - eram determinadas pelos preceitos da religiosidade popular, compondo um quadro onde predominavam a solidariedade e o cooperativismo.

A vida religiosa da comunidade era comandada pelo Beato José Lourenço, que iniciava os trabalhos diários cantando benditos. Os moradores o seguiam, com os instrumentos de trabalho, em fila, no caminho das roças. Lá chegados, iniciavam os trabalhos, dirigidos pelo ritmo dos cânticos religiosos. Trabalhavam durante todo o dia, das seis da manhã às seis da noite, com pequeno intervalo para almoço e descanso. Na volta para casa, a cena repetia-se: o Beato na frente e todos os trabalhadores em procissão, rezando e cantando benditos.

Assim descreveu Francisco Bezerra de Menezes:

"Ele era um homem trabalhador e inteligente. Dominava três mil pessoas, pelo grito, pela palavra, pela oração."

O Beato era um negro forte, acostumado ao trabalho. Não sabia ler; as orações, benditos e outras práticas religiosas, aprendera na vida e ouvindo as prédicas do Pe. Cícero e dos beatos e beatas do Juazeiro. Mandou construir a capela no sítio e a casa dos padres, esperando receber a assistência religiosa oficial... A capela não foi reconhecida pela Diocese do Crato e

nenhum padre visitou a comunidade: "A Diocese procurava ignorar a existência da capela, evitando mandar um padre para benzê-la e realizar os serviços religiosos, orientando e prestando assistência religiosa ao povo que lá vivia. O Beato mandou uma carta pedindo ao vigário da Paróquia, Mons. Assis Feitosa, para benzer a capela. Não foi dada resposta aos pedidos do Beato."(13)

Assim isolados, o Beato assumiu sozinho a assistência religiosa da comunidade, sem no entanto realizar os rituais religiosos próprios dos padres. Através de suas prédicas, ensinava os princípios religiosos da Moral e da Ética, baseado no espírito de uma disciplina rígida e da fraternidade cristã, base religiosa da organização sócio-econômica da comunidade. Rezava e cantava, junto com a comunidade, terços, rosários, benditos, tudo de acordo com a tradição da religiosidade popular do Nordeste. Tudo isto acompanhado dos conselhos e orientações para a vida na comunidade:

"Ele nunca espiou pra papel. Mas chegava doutor nós pés dele, ele de trabalho na roça com os trabalhadores, com um chapeuzinho do jeito que quisesse, um chapeuzinho velho, uma tôca na cabeça, qualquer... O doutor chegava nós pés dele, ele pegava uma palavra da Escritura, fazia a pergunta, o doutor não dizia uma palavra. Se ele pegar outra salteada, aqui e acolá, ele não dizia uma. Ele falava pra pessoa, assim, assim. Ele de lá dizia todinha, sem nunca ter espiado pra pepel, o trabalhador de enxada."(Henrique Ferreira, entrevista)

O Poeta completa:

*"Quem tomar os seus conselhos
estando domesticado
É manso como um cordeiro
ligeiro como um veado
e mais sagaz do que o pombo
para fugir do pecado (...)*

*Exige mais que seu povo
cumpra os 10 Mandamentos
os dom do Espírito Santo
não sai-lhe do pensamento
Nos três conselhos de Cristo
Tem todo o Regulamento."*

O santo padroeiro da capela era Santo Inácio de Loyola, fundador da Ordem dos Jesuítas, por indicação do Pe. Cícero, em homenagem aos dois padres jesuítas que, segundo a tradição oral, lá morreram. A construção da capela teve início em 1931 e seus trabalhos não chegaram a ser totalmente concluídos... O cemitério, construído ao lado da capela, constituía-se em outro centro religioso da comunidade, onde o Beato depositou os restos da baraúna embaixo da qual teriam morrido os dois jesuítas.

Como os padres não visitavam a comunidade, o Beato e seus seguidores assistiam as missas na capela do povoado vizinho de Santa Fé, onde aproveitavam para visitar os amigos e realizar as compras na feira e no comércio local.

Na comunidade ele era indiscutivelmente a liderança religiosa. Só usava roupas próprias de beato no sítio, nos momentos em que juntava o seu povo para rezar. Organizavam constantes novenas, tradicionais encontros religiosos das áreas rurais do sertão nordestino. Nos dias santificados não trabalhavam, apenas rezavam, como no Natal e durante a Semana Santa. As festas dedicadas a São João eram comemoradas, e como em todo o Nordeste, havia fogueiras e bacamarteiros. A rígida moral vigente não permitia danças, mas festejava-se com alegria e até com um pouco de bebidas:

"Nas festas de São João o pessoal soltava fogos, tinha milho assado, soltava traque, de tudo... só não tinha sofrego de samba, nada. Só bendito. Bebida só se convidasse uma pessoa de fora. Se uma pessoa mandasse dizer que ia fazer uma visita, uma coisa, aí tinha bebida, tinha cerveja, vinho... tomava cerveja, às

vezes, mas era muito difícil, só assim, se fosse festa..."(Maria de Maio, entrevista).

O cotidiano da Comunidade transcorria sem muitas alterações, alternando-se o trabalho com as orações, de acordo com as épocas do ano.

Enquanto Pe. Cícero estava vivo, o Beato sempre visitava Juazeiro, para ouvir sua prédica e conselhos. Sua relação de amizade com o patriarca manteve-se durante toda a vida do padre. Além de aconselhar o Beato na condução da comunidade do Caldeirão, o Pe. Cícero ainda fornecia as sementes de algodão para ele plantar no sítio.

Na comunidade o Beato era chamado de "Padrinho", e todos beijavam-lhe a mão, ao dele se aproximar, o que demonstra o respeito com que todos o tratavam. Assim, através de relações baseadas em estreitos laços pessoais de amizade, respeito e solidariedade, legitimava-se a autoridade do Beato como "intelectual orgânico" da comunidade:

"Fui para acompanhar meu Padrinho José Lourenço. Ouvia ele assim a gente vinha ouvir meu Padrinho Ciço, porque a gente vendo com a vista conta de certo, né ? É. Agora ele era trabalhador do meu Padrinho Ciço, servo e criado da serventia do meu Padrinho Ciço. Beato, beato não casa, rapaz solteiro... A casa cheia de gente e chegando todo dia que Deus determinava. Do Piauí e dos quatro cantos do mundo. Ele tinha romeiros dos quatro cantos do mundo."(Henrique Ferreira, entrevista)

Neste depoimento, comprova-se a ascendência do Padre Cícero sobre o Beato José Lourenço e a sua comunidade, assim como a identificação do Beato como "representante" do Padre Cícero para os seus seguidores do sítio. Era como se, após a morte do Pe. Cícero, o Beato continuasse a "missão" evangelizadora do Patriarca...

Segundo o jornalista Jáder de Carvalho, "O Beato José Lourenço era um homem sério, intuitivo, inteligente; conquistava qualquer pessoa com quem conversasse, tinha crédito no Cariri, para onde levava os produtos da terra, do Caldeirão, para trocar por aquilo que não podia fabricar, sem esquecer de manter as suas ligações com o Pe. Cícero, por achar que era necessária a proteção do padre."(14)

José Alves de Figueiredo, em seu artigo já citado, assim se refere ao Beato e à sua relação de amizade com o Padre Cícero:

"Pois ninguém pode ser mais amigo do Padre Cícero do que ele, que considera o Patriarca um verdadeiro Deus. Quem conhece, de perto, esse humilde camponês, dominado sempre pela idéia, ou mania, de ser superiormente humanitário, não será capaz de esperar dele um movimento qualquer que implique em rebeldia. (...) Homens velhos e novos, brancos e pretos, mulheres, moças e velhas, ao se aproximarem do Beato José Lourenço, se descobrem, com grande respeito, ajoelham-se a seus pés e beijam-lhe as mãos."(15)

Não se registra, nos depoimentos, nenhuma espécie de fanatismo religioso ou de messianismo, por parte do Beato. Na sua casa havia um quarto reservado para as orações, que fazia com os afilhados e agregados. Nas paredes do quarto, que mantinha sempre fechado, estavam fotografias do Padre Cícero e grande quantidade de quadros de santos, como em todas as casas dos sertanejos. Aliás, as práticas religiosas conduzidas pelo Beato, eram todas comuns aos sertanejos, cujas orações são todas oriundas da liturgia católica romana. Na verdade, as práticas do Beato visavam muito mais a vida prática do cotidiano da comunidade:

"Ele não pregava, ele contava histórias do meu Padrinho Cicho, ele só contava histórias... ele não pregava pra fazer sermão, isso não. Às vezes, nas orações mesmo, quando terminava, aproveitava aquele pessoal junto, tudo reunido ali, aí então ele

explicava aquelas coisas. Ele aconselhava trabalhar e rezar, só dava conselho pro bem, os conselhos que Padrinho Ciço dava a ele, era que ele passava pra gente."(Maria de Maio, entrevista)

Como se percebe através dos depoimentos dos ex-moradores do sítio, o trabalho e todas as relações sociais que se estabeleciam entre as pessoas da comunidade estavam imbricados nos pressupostos simbólicos da religiosidade popular, que ordenava a sociedade dentro do princípio da solidariedade. Assim a estrutura econômica coletivizada da comunidade assemelhava-se às "comunidades primitivas", como também por serem encaixadas nas relações sociais. Ou seja, as práticas na produção correspondiam a motivações sociais, para a conservação e reprodução da ordem social existente, estruturada pela religiosidade popular.

Quem chegava para morar no Caldeirão, entregava à comunidade os bens que possuía, como animais e alguns objetos de pequeno valor, como jóias e outros. Os animais passavam a fazer parte do patrimônio comum. Afinal, ali tudo era de todos, e não poderia haver diferenças sociais. O mesmo acontecia com o dinheiro obtido na comercialização do algodão: voltava para a comunidade na forma de mercadorias, tais como remédios e outros produtos não produzidos no sítio, ou na forma de benfeitorias para a comunidade, como construções de barragens, diques, o engenho, a capela, etc.

Abelardo Montenegro sintetiza: "O Beato tinha ascendência moral absoluta sobre o povo. Não havia armas entre os fanáticos, nem mesmo faca de ponta. Não funcionavam cortes celestes, nem ordem de penitentes. Havia novenários, cânticos, benditos e orações."(16)

Com seu espírito filantrópico, o Beato não se limitava apenas à auto-reprodução da comunidade; ajudava os proprietários vizinhos que dele necessitavam, fornecendo-lhes mão-de-obra.

Na comunidade, o trabalho era santificado, na medida em que era encarado como forma de "pagar os pecados", como penitência dedicada à Mãe de Deus:

"Quando amanhecia o dia ele tinha de por dever, que ele veio dar um serviço da Mulher Grande. E tinha que dar um dia de serviço. E tinha por direito dele, todo dia receber a bandeja do dia."(Henrique Ferreira, entrevista)

A religiosidade popular pressupões, em seu sistema simbólico adaptado da ortodoxia católica pelos nordestinos pobres, a existência de diversas formas de penitências, que vão desde o jejum à auto-flagelação do corpo. O Beato José Lourenço, que pertencera à ordem dos Penitentes, havia abandonado tais práticas, aconselhado pelo padre Cícero, desde os tempos que morava no sítio Baixa D'Anta. Sem a prática da auto-flagelação, o Beato, no entanto, fazia outros tipos de penitência: no Caldeirão, periodicamente, ele reunia a comunidade em grandes procissões que percorriam as terras do sítio, rezando e cantando benditos. Os depoimentos de dois ex-moradores do sítio, descrevem como eram essas penitências:

"Tinha o dia da Santa Cruz, o dia três de maio. Se comemorava, se cantava, se rezava, em louvor da Santa Cruz, os hinos da Santa Cruz, e ele caminhava com a Santa Cruz."(Henrique Ferreira, entrevista)

"Olhe quando era... mas não era todo dia, mas tinha dias que a gente ia pra roça e quando voltava já era rezando, com rosário, viu ? cantando. Quando chegava ele tirava aquela cruzinha e punha nas costas dele. Eu conto a penitência do Beato José Lourenço era essa: punha aquela cruz aqui nas costas e todo o povo em filinha atrás, cantando Padre Nosso e Ave Maria. Arrodeava o Caldeirão, que o Sr. viu que o Caldeirão tem aquela serra assim arrodeia, viu ? Pois nós arrodeava aquela serra ! Chegava na cruz de uma moça que morreu de fome, aí cantava ofício, Maria Valei-me, rosário de repouso eterno, viu ? Toda a

reza de Penitência. Bom, quando era três da madrugada, ele pegava aquela cruzinha - mas não era pra chegar lá todo mundo se amoitar e dormir não, era penitência ! -, aí todo o povo se levantava e ficava rezando. Ele botava a cruzinha, quando ele pegava aquela cruz, aí dizia: "Vem cá madeiro, em cá cruzeiro, do Menino Deus, tão verdadeiro."

"eu conto, meu senhor, penitência do Beato José Lourenço. Se aquele ali Nosso Senhor não salvou ele, não salva mais ninguém. A disciplina não usava não. Quando ele começou a penitência no Juazeiro, ele usava a disciplina, depois ele tirou."(Marina Gurgel, entrevista)

O séquito do Beato José Lourenço e a Vida Cotidiana na Comunidade

Complementando os aspectos já abordados, aqui faremos uma síntese sobre os traços principais da sociedade do Caldeirão e do seu cotidiano.

A população do sítio Caldeirão constituía-se, em sua grande maioria, de trabalhadores rurais, sem terra, do sertão. No censo realizado pelo Ten. Góis C. Barros, quando da destruição do Caldeirão, constatou-se que 75% dos seus habitantes eram do Rio Grande do Norte, enquanto 20% eram oriundos de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Maranhão e Piauí, e os 5% restantes eram cearenses.

Mas nem todos os habitantes do Caldeirão eram trabalhadores rurais: havia pedreiros, ferreiros, artífices, curandeiros... Uma coisa, todavia, os unia: a devoção ao padre Cícero. Quase todos os depoimentos dos ex-moradores do Caldeirão alegavam que vieram para Juazeiro em romaria, sendo encaminhados para o Caldeirão pelo Pe. Cícero:

"Meu pai era de Alagoas. Veio em romaria, quando aqui ficou. E minha mãe é do Rio Grande do Norte, veio ela e oito irmãs, pra casa do Padrinho Ciço. Quando chegou aqui, Padrinho Ciço mandou chamar o Beato José Lourenço. Ele morava no

Caldeirão. Quando ele chegou meu Padrinho disse: 'Zé Lourenço, tome conta dessa família, tome conta desta família até o dia que Deus quiser.' Aí eles foram embora e o povo acompanhou ele: meu avô com oito irmãs, e a mulher dele e minha mão que era neta."(Mariana Salviana da Silva, entrevista)

Já José Batista de Moraes, outro ex-morador do sítio Caldeirão, que era filho de pedreiro, também foi enviado pelo Pe. Cícero:

"Nós viemos pra aqui, aí meu Padim Ciço mandou nós pra lá, ir fazer uma capela. Aí, nós fomos lá... Nós trabalhamos, fizemos o serviço lá."(José Batista de Moraes, entrevista)

O encaminhamento para o Caldeirão evidenciava que a família não possuía terras, e enquadrava-se em uma prática antiga que o Pe. Cícero assumiu de enviá-las para as terras devolutas e, após a chegada do Beato José Lourenço, para o Caldeirão.

Lá na comunidade do Caldeirão, os romeiros encontravam o Beato José Lourenço, "servo e criado da serventia do Padrinho Ciço, "que, além de reproduzir as suas prédicas e conselhos, era um exemplo de homem justo e solidário. Daí também o tratarem de "Padrinho" e beijarem-lhe a mão:

"Meu Padrinho, eu não vou negar ao senhor, eu chamava Padrinho. Eu tinha razão de chamar."(Maria Salviana, entrevista)

Mas o que determinava a permanência das famílias de trabalhadores expropriados no Caldeirão era a possibilidade real de livrar-se da miséria e das injustiças da vida no sertão. A repartição igualitária dos produtos do trabalho possibilitava o direito à fartura, como atestou Maria de Maio:

"Eu gostava... era vida com muita fartura. Eu aqui, eu vivo aqui porque tenho que viver, porque é o jeito, mas não, não me esqueço nunca. Nosso Senhor me perdoe, mas a pessoa viver como a gente vivia, de tudo tinha, não faltava nada, tudo a tempo

e a hora, o que quisesse tinha fartura, pra viver hoje em dia assim, é muito diferente, né ? ... Tudo tinha uma coisa só, não tinha esse negócio de ninguém ser melhor do que o outro não, tudo lá comia igual..."(Entrevista)

Para a vida simples e austera do sertanejo pobre, a comunidade do Caldeirão representava realmente a fartura e a felicidade. Produzia-se a rapadura, o melaço, as mais diversas espécies de frutas, milho, feijão, arroz, farinha...

"Feijão e milho e arroz... No Caldeirão era cana, fazia muita rapadura. Tinha engenho de moer cana, ele fazia todo ano a moagem. Ele fez muita benfeitoria no Caldeirão, quando ele saiu o Caldeirão acabou-se. Ali na frente daquela capela, ali era um sítio, que por gosto o senhor podia chegar lá e olhar. Na frente da capela tinha banana, tinha cana, tinha laranja... tinha muita fruta ali, fez um açude grande, chamava o "Escondido". Lá era uma riqueza."(Maria Salviana da Silva, entrevista)

Não faltava carne, pois, "todo dia um cervado e toda semana um boi." e as famílias se abasteciam de tudo quanto necessitassem:

"Bom, toda a produção era o seguinte, tinha uma roça, ali quem precisasse levava, pra casa. Precisava de milho, levava, precisava de feijão levava, precisasse de arroz levava, precisasse de um quarto de porco levava... ali não tinha nada, sabe como é, **tudo ali era gente.**" (José Batista de Moraes, entrevista).

A vida cotidiana transcorria monotonamente, dividindo-se o dia entre o trabalho e as orações. Não havia necessidade de muito controle sobre o trabalho, pois cada um tinha perfeito conhecimento de suas tarefas diárias, já que a divisão do trabalho era rígida. A grande maioria era dirigida pelo Beato José Lourenço, nos trabalhos na agricultura, enquanto os outros cuidavam dos animais e/ou realizavam os trabalhos de construções e consertos, e os artífices fabricavam os mais

variados objetos de uso da comunidade, sob a supervisão de Isaías... As mulheres, além dos afazeres domésticos, ajudavam na agricultura, aguavam as plantas, costuravam, fiavam, etc.

"As mulheres apanhavam feijão, algodão, esses outros trabalhos mesmo de mulher fazer. Fiava, esses trabalhos, lutava em casa. Outras, tinha que criava galinha. Tinha as outras que fazia as comida dos trabalhador..."(Maria de Maio, entrevista)

A fartura que reinava na comunidade era fruto do trabalho coletivizado e da distribuição igualitária dos produtos. A riqueza da comunidade era crescente, apesar das dificuldades materiais. Isto se explica, em parte, pela grande quantidade de presentes que os romeiros traziam para o sítio e entregavam para o uso comum da "Irmandade".

Mas a vida não se limitava aos trabalhos e orações: apesar da moral rígida e do ascetismo que o Beato impunha, haviam festas, como as novenas, as comemorações a São João e o Natal. A comunidade recebia, nessas ocasiões, a visita de violeiros e repentistas, que alegavam as noites do sítio. No mais, reinavam a disciplina rígida e absoluta...

Para a organização e o planejamento econômico, social e religioso da comunidade, o Beato contava com a ajuda de diversas pessoas. Já o citado Isaías, que sabia ler e escrever, cuidava dos assuntos econômicos do sítio, como a venda dos produtos excedentes e a compra das mercadorias que a comunidade necessitasse, tudo anotado em livro de "receitas e despesas"; Mestre Bernardino, especialista em plantas medicinais, que cuidava da saúde dos moradores; e Severino Tavares, um comboeiro místico, que se encarregava de fazer proselitismo sobre a comunidade do Caldeirão, por onde andava...

Notas Bibliográficas

- (1) FIGUEIREDO, José Alves de . "O Beato José Lourenço e sua ação no Cariri". In Revista Itaytera, Crato - CE, número 7, pág. 112, 1961.
- (2) CARIRY, Rosemberg. "O Beato José Lourenço e o Caldeirão de Santa Cruz". In revista Itaytera, Crato - CE, número 19, pp. 195-205, 1975.
- (3) JOÃO SILVA. Ex-morador do sítio Caldeirão, entrevistado por Lopes, Régis. Caldeirão. Fortaleza - CE. EDUECE, 1991, pág. 62.
- (4) BARROS, Ten. José Góis de Campos. "A ordem dos penitentes." Fortaleza - CE. Imprensa Oficial, 1937, pág. 31.
- (5) FIGUEIREDO, José Alves de . In op. cit. pág. 115.
- (6) VALENSI, Lucette. "História e Antropologia Econômica: a obra de Karl Polany". In RANDLES W. C. L. et alii. "Para uma história antropológica". Lisboa - Portugal, Edições 70, 1978, pág. 18.
- (7) BARROS, Ten. José Góis de Campos. In op. cit. pág. 33.
- (8) MONTENEGRO, Abelardo. "História do Fanatismo Religioso no Cariri". Fortaleza - CE. Enriqueta Galeano, 1973, pág. 60.
- (9) BARROS, Ten. José Góis de Campos. In op. cit. pp. 18 e 33.
- (10) TÁVORA, Ademar. "José Lourenço, um pioneiro." In Jornal "O Povo". Fortaleza-CE. 24 de abril de 1965.
- (11) MARX, Karl, ENGELS, F. LÊNIN, I. "Sobre as sociedades pré-capitalistas". Lisboa-Portugal. Seara Nova, 1976. Pág. 30.
- (12) BARROS, Luitgarde O. Cavalcanti. "A terra da Mãe de Deus". Rio de Janeiro-RJ. Francisco Alves. 1988, pág. 27.
- (13) MATOS, Veralúcia. "José Lourenço - O Beato Camponês da Comunidade do Caldeirão". S.Paulo-SP. Paulinas, 1992, pág. 26.

- (14) CARVALHO, Jáder. "Por que ninguém quer falar no Caldeirão ? " In *Jornal Mutirão*. Fortaleza-CE. Outubro de 1977.
- (15) FIGUEIREDO, José Alves de . In op. cit. pág. 116.
- (16) MONTENEGRO, Abelardo. In op. cit. pág. 60.